

Raça, gênero e imprensa: quem escreve nos principais jornais do Brasil?

*Poema Portela
Izabele Sá
João Feres Júnior
Fernanda Lemos
João Pedro Mina*

Maio 2023



Expediente

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ
Instituto de Estudos Sociais e Políticos – IESP

Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa

<http://gema.iesp.uerj.br>
gema@iesp.uerj.br

Coordenadores

João Feres Júnior
Luiz Augusto Campos

Subcoordenadores

André Felix
Jefferson Belarmino de Freitas
Marcia Rangel Candido
Poema Portela

Comunicação

Jheniffer Ribeiro
Hedylaine Boscolo

Pesquisadoras Associadas

Anna Carolina Venturini
Marcelle Felix
Izabele Sá
Juliana Flor
Fernanda Lemos

Assistentes de pesquisa

Giovane Picolo
Juliana Leitão
Viviane Marques
Patrícia Atthie
Isabel Marques

Capa, layout e diagramação

Izabele Sá



21 \ Textos para discussão (gema)

Raça, gênero e imprensa: quem escreve nos principais jornais do Brasil?

Poema Portela
Pesquisadora
IESP-UERJ

Izabele Sá
Pesquisadora
IESP-UERJ

João Feres Júnior
Professor
IESP-UERJ

Fernanda Lemos
Pesquisadora
IESP-UERJ

João Pedro Mina
Pesquisador
IESP-UERJ

Neste estudo, o GEMAA apresenta uma investigação sobre o perfil das pessoas que escrevem nos três maiores jornais impressos do país: Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e O Globo. O levantamento dos dados que compõem esta pesquisa se deu a partir de três principais fases: na primeira, extraímos uma amostra aleatória de 21 edições publicadas entre janeiro e julho de 2021, em cada um dos veículos; em seguida, capturamos manualmente as informações de todas as pessoas que assinaram matérias ou colunas publicadas nesta amostra; e, por fim, fizemos sua heteroidentificação racial.

Os resultados apontam que a mídia brasileira continua reproduzindo padrões de forte desigualdade racial. Quando se trata da produção de notícias e circulação da informação, a discussão sobre desigualdades ultrapassa a questão da justa proporcionalidade e alcança o problema da invisibilização de grupos sociais na produção das narrativas e informações que instruem o processo de formação de opinião e os entendimentos socialmente partilhados.

.....

Outras pessoas pesquisadoras do GEMAA foram cruciais ao longo do desenvolvimento deste estudo: André Félix viabilizou a amostragem e coleta das edições analisadas; Juliana Flor, Jefferson Freitas e Louise Freitas somaram no levantamento dos dados e heteroclassificação racial de cada uma das pessoas perfiladas; e Juliana Leitão, Patricia Atthie e Suellen Souza contribuíram na checagem das informações sobre colunistas.

Índice de Gráficos

Gráfico 1 - Distribuição de gênero em cada jornal	8
Gráfico 2 - Distribuição das faixas etárias por gênero	9
Gráfico 3 - Distribuição racial por jornal e no todo da amostra	10
Gráfico 4 - Distribuição das faixas etárias por raça	10
Gráfico 5 - Distribuição de raça e gênero por jornal	11
Gráfico 6 - Distribuição da área de formação em cada jornal e na amostra	11
Gráfico 7 - Distribuição da área de formação por gênero	12
Gráfico 8 - Distribuição da área de formação em cada grupo racial	12
Gráfico 9 - Distribuição percentual do número de textos publicados por raça e gênero	13
Gráfico 10 - Distribuição dos assuntos por jornal	14
Gráfico 11 - Distribuição dos assuntos por gênero	14
Gráfico 12 - Distribuição dos assuntos por raça e gênero	15
Gráfico 13 - Distribuição de gênero entre colunistas	16
Gráfico 14 - Distribuição de raça entre colunistas	17
Gráfico 15 - Distribuição de raça e gênero entre colunistas	17
Gráfico 16 - Distribuição de gênero na equipe editorial de cada jornal	18
Gráfico 17 - Distribuição de raça na equipe editorial de cada jornal	18
Gráfico 18 - Distribuição de raça e gênero na equipe editorial de cada jornal	18

Sumário

1. Introdução	4
2. Metodologia	4
3. Resultados	8
3.1. Perfil demográfico da amostra	8
3.2. Assuntos cobertos	13
3.3. Espaços de opinião e editoria	16
4. Considerações finais	19
5. Referências	23



1. Introdução

A mídia tem se tornado objeto de escrutínio por parte de movimentos sociais, intelectuais acadêmicos e, mais recentemente, pela população em geral, tanto no que toca à produção dos conteúdos veiculados quanto à escolha daqueles que produzem esses conteúdos. Além das notícias que acompanham os acontecimentos cotidianos da sociedade, os jornais abrem espaços de opinião para pessoas apontadas como especialistas em determinados temas.

Estudos anteriores do GEMAA já mostraram que a compreensão da interação entre gênero e raça em processos de exclusão ou de invisibilização social é fundamental. Os lugares de fala representados em importantes meios de comunicação não somente servem à expressão de diferentes pontos de vista, mas induzem a criação de visões de mundo, facilitam ou sabotam a capacidade de reflexão crítica e estimulam a formação de gostos. Apoiando-nos nesta perspectiva, nos propomos a analisar os perfis de quem ocupa as páginas dos principais veículos de comunicação impressa do país, os jornais Folha de São Paulo (Folha), O Estado de São Paulo (Estado) e O Globo.

Esta pesquisa amplia o trabalho empreendido em duas análises anteriores, que tentaram responder a questão de “quem produz opinião na grande mídia?” (Candido e Feres Júnior, 2016; Candido e Vieira, 2020). Para tal, recenseamos somente os autores de textos de opinião das primeiras páginas das publicações, onde se localizam a maioria dos textos de opinião nestas publicações. Desta vez, a partir de uma provocação feita pela **Rede de Jornalistas Pretos pela Diversidade na Comunicação**¹ – associação dedicada a combater a profunda escassez de oportunidades no mercado de comunicação para profissionais negros –, decidimos estender a pesquisa a todas as páginas e cadernos dos jornais, de modo a observar não apenas o lugar de produção de opinião, mas também de narrativas sobre acontecimentos cotidianos.

2. Metodologia

Qualquer investigação do tipo proposto neste trabalho esbarra em um grande obstáculo para a coleta de dados: a falta de uma fonte unificada de informações sobre as pessoas que colaboram com a redação de um jornal. Entre tantas razões possíveis para isto, o fato da maior parte das matérias serem produzidas por contratação de freelancers foi o principal destaque apontado durante nossas conversas com a Rede de Jornalistas Pretos. Assim, elaboramos um procedimento de coleta de dados que pudesse ser capaz de contornar esta dificuldade inicial.

.....

1 Aproveitamos para agradecer pelas trocas e apoio da Rede durante o planejamento deste trabalho. As informações compartilhadas, especialmente com sua presidente, Marcelle Chagas, foram cruciais para entendermos melhor o tema e definirmos a melhor abordagem metodológica para a investigação. Para conhecer mais sobre o grupo: <https://redejpcocomunicacao.org>.

Tal procedimento foi composto de três fases principais: (i) seleção da amostra, (ii) extração de informações nos jornais e (iii) classificação individual. Na primeira etapa, sorteamos uma amostra aleatória de 21 edições publicadas em cada um dos veículos, entre janeiro e julho de 2021, sendo necessariamente 3 edições de cada dia da semana. Com isso, buscamos garantir que cobriríamos a rotina de publicações do jornal, o que inclui, além dos conteúdos pontuais, textos com recorrência diária ou semanal.

A segunda etapa do levantamento envolveu a coleta manual de informações de todas as pessoas que assinaram matérias ou colunas publicadas nas edições da amostra. Neste momento, nossa unidade de análise foram os textos, ou seja, nos interessou mapear todos os nomes de autores(as) que apareceram nos jornais, repetidos ou não. Os dados armazenados nesta fase foram: título do jornal, data de publicação da edição, página em que o conteúdo aparece, nome de quem assina o texto, caderno, assunto tratado, e se tratava de uma coluna. Ao todo, foram levantadas 4.331 matérias e colunas, distribuídas entre os jornais, conforme é possível ver na tabela 1, na próxima seção. Esta base de dados foi complementada com informações sobre os corpos de dirigentes e do editorial de cada um dos jornais, que foram localizados nos sites oficiais dos veículos.

Para o terceiro e último estágio de coleta de dados, passamos a ter como unidade de análise cada pessoa que apareceu no levantamento anterior. Com isso, chegamos a uma base com 1.226 pessoas, que foi então complementada com informações sobre formação acadêmica, ocupação, nacionalidade, gênero e idade. Para a identificação racial, utilizamos um procedimento de heteroidentificação, realizado pela equipe do GEMAA a partir de dupla checagem e, em casos de dúvida, por uma terceira análise. É relevante realçar que, como forma de contrapor nossa hipótese de baixa representação de pessoas pretas e pardas nesses espaços, sempre que a dúvida sobre a classificação racial se mantivesse, optávamos pela classificação que “escurecesse” o indivíduo – ou seja, entre branco e pardo ou pardo e preto, escolhíamos a segunda categoria, de forma que poderíamos compreender a dimensão da desigualdade mesmo em uma amostra enviesada para a negritude.

Após essa busca, a base de dados foi reduzida a 1.190 nomes, uma vez que foram excluídas todas as pessoas sobre as quais não conseguimos localizar nenhuma das informações relevantes. Por fim, para os casos de pessoas que foram associadas a alguma coluna, fizemos uma segunda conferência da informação, buscando identificar o tipo de participação exercida: se colunista fixo(a), convidado(a) ou colaborador(a).²

.....

² Esta segmentação nos pareceu interessante visto que, conforme sinalizado pela Rede de Jornalistas Pretos, muitas vezes quem alimenta a pauta e até mesmo produz o conteúdo de grandes colunas fixas são profissionais negros e negras, mas quem protagoniza a assinatura do texto seriam colunistas brancos e brancas.

3. Resultados

Ao final da implementação da metodologia exposta acima, levantamos um total de 4.331 matérias e colunas escritas por 1.190 pessoas diferentes. Esse conteúdo se distribui da seguinte forma entre os três jornais analisados:

Tabela 1
Distribuição da amostra entre os jornais

Periódico	Matérias e colunas	Jornalistas ³
Folha de São Paulo	1.730	479
Estado de São Paulo	1.352	406
O Globo	1.249	305
Total	4.331	1.190

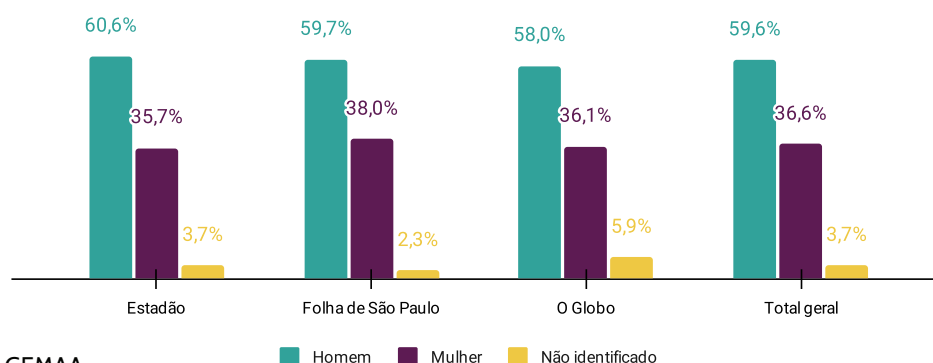
Fonte: GEMAA

Conforme indicamos anteriormente, este estudo foi orientado por uma questão central: qual o perfil racial e de gênero das pessoas que escrevem nos principais jornais em circulação no país? Adicionalmente, nos interessa compreender qual o espaço que essas pessoas ocupam nesses periódicos, ou seja, quais as temáticas cobertas, os cadernos em que aparecem, se assinam textos opinativos e se ocupam cargos de decisão, como edição e direção.

Perfil demográfico da amostra

Quando observamos a distribuição de gênero dos 3 jornais, identificamos um perfil semelhante, no qual as mulheres representam cerca de um terço da amostra. Vale ressaltar que, entre as quase 1.200 pessoas analisadas, apenas 1 mulher trans foi identificada.

Gráfico 1
Distribuição de gênero em cada jornal



Fonte: GEMAA.

.....

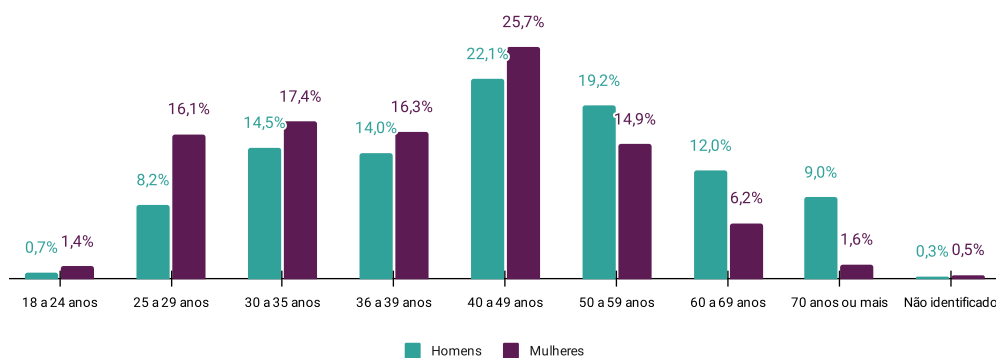
³ Apesar da amostra abranger pessoas de diferentes formações e ocupações, vamos optar pelo uso da categoria “jornalista” ao longo do texto para identificar todas as pessoas que escrevem em jornais.

Quando se trata de mercado de trabalho, é importante examinar a variável idade em conjunto com gênero. Isto porque a intensidade em que a carreira profissional das mulheres é impactada por discriminações relacionadas a papéis sociais tradicionais, como tomar conta do lar e dos filhos, varia ao longo de suas vidas, ou seja, com a idade.

No gráfico 2, vemos que as mulheres se concentram em faixas etárias mais jovens, ao passo que os homens nas faixas a partir de 50 anos. Ademais, esse desequilíbrio é mais agudo nas faixas localizadas nos extremos da distribuição, os mais jovens e os mais velhos. A hipótese levantada acima não pode ser confirmada, pois as mulheres superaram quantitativamente os homens em todas as faixas de idade que cobrem sua vida reprodutiva, que é um período de maior probabilidade de incidência de pressões sociais tradicionais. Duas hipóteses, contudo, permanecem potencialmente válidas: (1) o desequilíbrio observado pode ter a ver com a mudança cultural em prol de maior igualdade de gênero, que afetaria mais as categorias de entrada, ou seja as mais jovens, e (2) os jornais têm mecanismos internos que promovem a exclusão de mulheres ao longo da carreira. Ambas são verossímeis e podem, na verdade, coexistir, mas no presente trabalho permanecem apenas como hipóteses não testadas.

Na comparação entre os 3 jornais, é interessante destacar que o Estadão tem a maior proporção de pessoas acima de 60 anos (20%), seguido pela Folha (15%) e O Globo (10%), em todos, esse grupo é composto majoritariamente por homens.

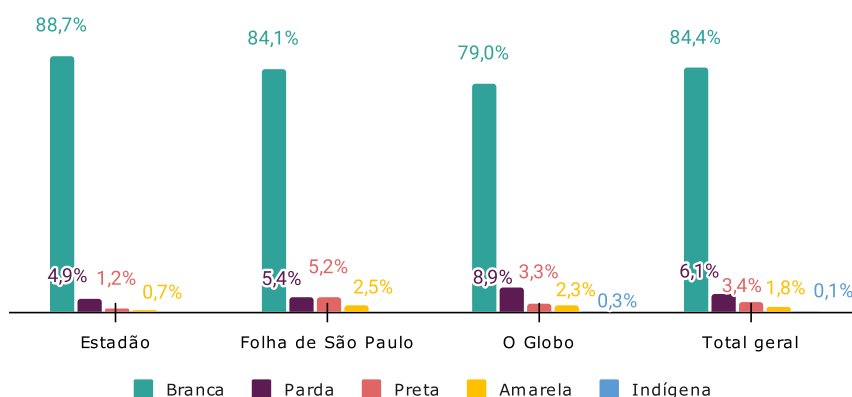
Gráfico 2
Distribuição das faixas etárias por gênero



Fonte: GEMAA.

O gráfico 3 mostra, em valores percentuais, a distribuição dos grupos raciais, conforme as categorias utilizadas pelo IBGE. É possível afirmar que a distribuição racial dos colaboradores dos 3 jornais analisados é similar: em todos os brancos são maioria entre os produtores de conteúdo, representando 84% da amostra total. O segundo grupo mais numeroso no jornalismo brasileiro são os pardos (6,1%), seguidos dos pretos (3,4%). Em todos os jornais, os indígenas são o menor grupo (0,1%), atrás inclusive das pessoas identificadas pelo IBGE como amarelas (1,8%).

Gráfico 3
Distribuição racial por jornal e no todo da amostra

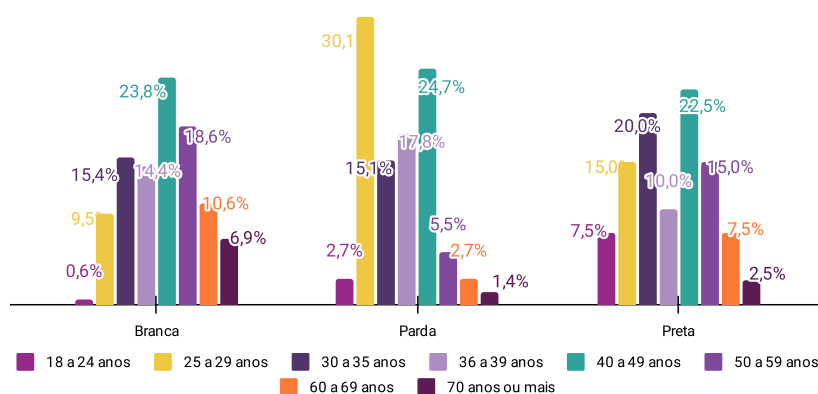


Fonte: GEMAA.

Se compararmos essas grandezas às proporções desses grupos raciais na população brasileira, concluímos que representação dos brancos é mais de duas vezes a sua proporção populacional, enquanto a dos pretos é de 0,65 e dos pardos de 0,13, o que é aproximadamente um oitavo de sua participação na população brasileira.⁴

No que toca à distribuição da faixa etária dos autores e sua raça, o gráfico 4 mostra que, entre pessoas brancas, a distribuição dos grupos etários é mais uniforme. Há uma ligeira sobrerrepresentação das faixas etárias mais jovens nos grupos de pardos e negros, o que pode indicar uma maior abertura das redações à inclusão racial nos últimos tempos, mas ele é pequena e, se existir, pálida se comparada à profunda desigualdade racial que marca essa atividade, como demonstrado acima.

Gráfico 4
Distribuição das faixas etárias por raça

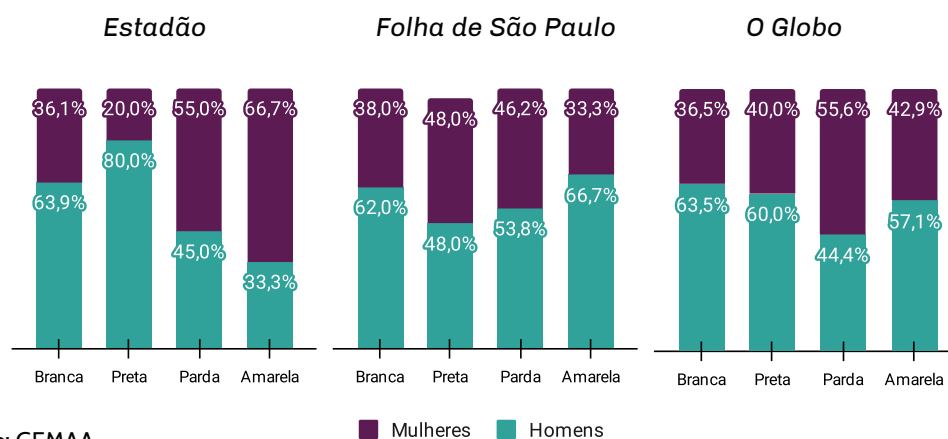


Fonte: GEMAA.

4 Cálculos feitos a partir da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC) do IBGE, divulgada em abril de 2021, segundo a qual a composição racial da população brasileira é de 42,7% de brancos, 46,8% de pardos, 9,4% de pretos, 1,2% de amarelos e 0,4% de indígenas. Ver <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9662-divulgacao-da-populacao-estimada-para-estados-municipios-e-df.html?=&t=o-que-e>

Ao analisarmos o perfil de raça e gênero, os três veículos revelam uma tendência comum: a maioria das autorias são assinadas por homens brancos e, na sequência, por mulheres brancas. Em menores proporções, estão os homens negros e as mulheres negras, respectivamente.⁵ Os indígenas não aparecem nos gráficos, pois apenas uma autoria desse grupo foi identificada em nossa análise, evidenciando não somente a disparidade entre o jornalismo brasileiro e a composição racial da população brasileira.

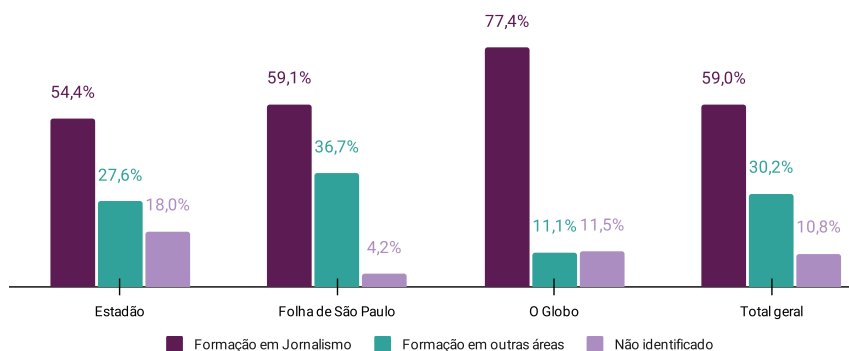
Gráfico 5
Distribuição de raça e gênero por jornal



Fonte: GEMAA.

Sendo o jornalismo uma área que não requer titulação exclusiva para exercício da profissão, nos pareceu interessante observar se existem diferenças na formação acadêmica de acordo com o gênero e raça de quem publica nos veículos analisados. De forma geral, como vemos no gráfico 6, existe uma distribuição similar no Estadão e na Folha, que ficam com cerca de 60% de autorias assinadas por pessoas formadas em jornalismo. Já no O Globo, esse percentual chega a 77%.

Gráfico 6
Distribuição da área de formação em cada jornal e na amostra



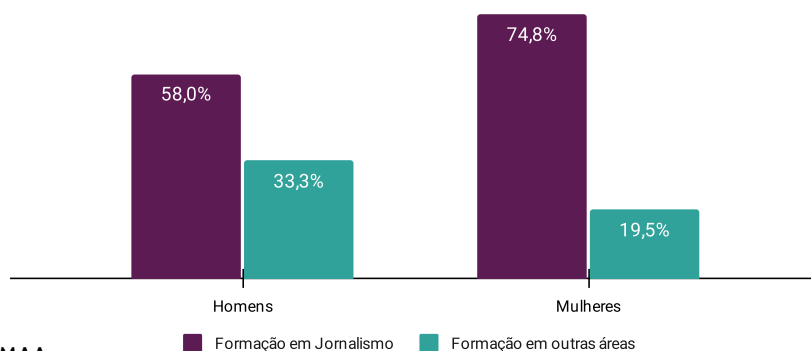
Fonte: GEMAA.

.....

5 Aqui utilizamos o termo “negro(a)” com o significado de agregação de pretos(as) e pardos(as).

Quando adicionamos a variável gênero, como vemos no gráfico 7, as mulheres tendem a ter uma concentração maior na especialização em jornalismo e comunicação, enquanto os homens acompanham a distribuição da amostra geral, que fica em torno de 60%.

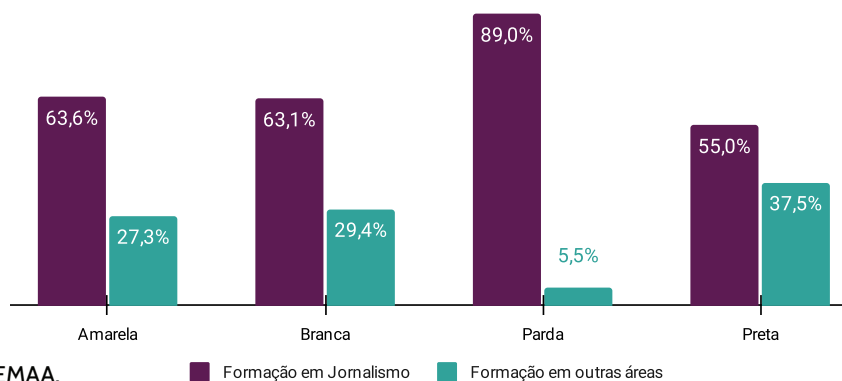
Gráfico 7
Distribuição da área de formação por gênero



Fonte: GEMAA.

No gráfico 8 vemos que, entre pessoas brancas, pretas e amarelas, jornalistas por formação ocupam em torno de 60% dos espaços dos jornais analisados. O destaque fica para pessoas pardas, que na amostra são quase todas jornalistas.

Gráfico 8
Distribuição da área de formação em cada grupo racial

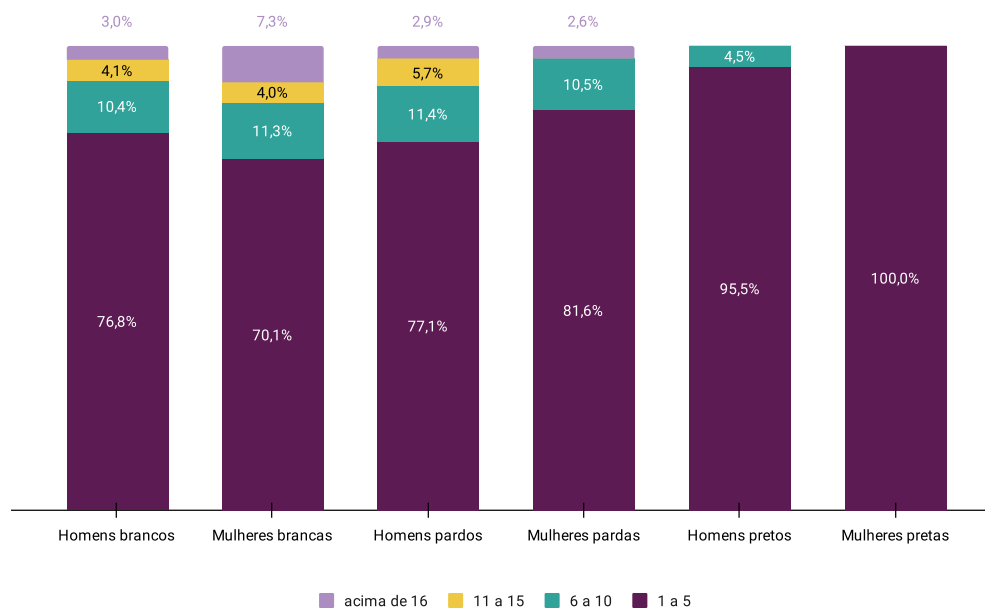


Fonte: GEMAA.

Tabulando o número de aparições de cada autor(a) de nossa amostra de 21 edições, notamos que a imensa maioria se encaixa na faixa entre 1 e 5, ou seja, publicaram de 1 a 5 artigos de sua autoria no período e nas edições estudadas. No entanto, nas categorias de maior frequência revelam-se vieses de raça e gênero. As mulheres brancas foram as que tiveram maior presença na amostra analisada, seguidas pelos homens brancos e pardos. Já entre as pessoas pretas, nenhum homem apareceu mais de 10 vezes, e entre as mulheres pretas a presença ficou apenas entre 1 e 5.

Gráfico 9

Distribuição percentual do número de textos publicados por raça e gênero



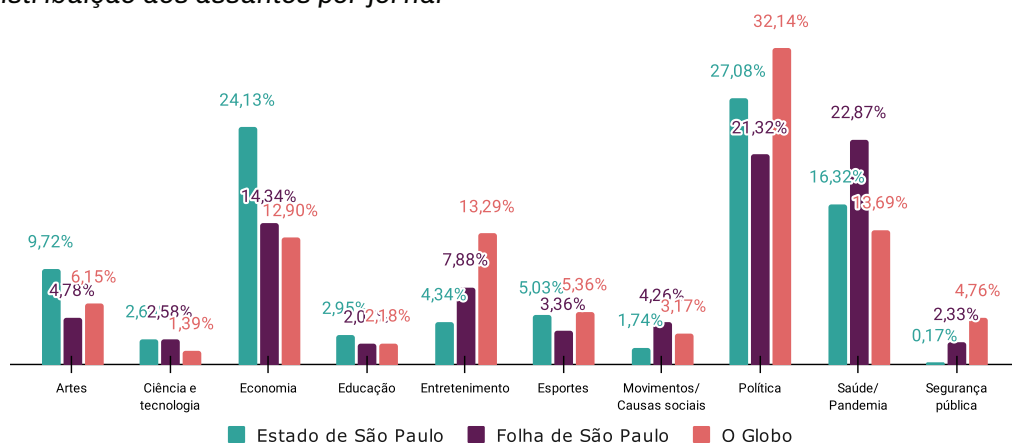
Fonte: GEMAA.

O gráfico acima adiciona elementos ao dado já demonstrado do viés racial do jornalismo brasileiro. Autores(as) pretos(as) simplesmente não fazem parte da elite de jornalistas que aparecem com frequência nas páginas desses jornais. Ou seja, são, no máximo, colaboradores ocasionais. É interessante notar que o perfil de pessoas pardas é similar ao das brancas, ainda que os primeiros sejam agudamente subrepresentados numericamente, como vimos no gráfico 3. Há contudo uma diferença significativa entre mulheres e homens pardos, assim como entre mulheres pardas e brancas, para desvantagem das pardas em ambos os casos. O mesmo não se pode dizer das autoras brancas em relação aos autores brancos.

Assuntos da cobertura

Os principais assuntos identificados foram artes, ciência e tecnologia, economia, educação, entretenimento, esportes, movimentos/causas sociais, política, saúde/pandemia, segurança pública e outros. Os assuntos com maiores frequências de textos jornalísticos são política, saúde e economia, nesta ordem. Entre os assuntos menos abordados estão ciência e tecnologia, educação e segurança pública.

Gráfico 10
Distribuição dos assuntos por jornal



Fonte: GEMAA.

A maior disparidade de gênero nas autorias apareceu em assuntos relacionados a esportes, com apenas 17% de autorias femininas. Todas as outras áreas têm uma proporção de dominância masculina próxima à média geral, que se aproxima da proporção de dois autores homens para uma mulher. A dominância masculina exacerbada nos esportes provavelmente se deve ao futebol que é ainda um esporte muito masculino, na prática e na crítica, a despeito do progresso que o futebol feminino fez nos últimos anos em nosso país.

Gráfico 11
Distribuição dos assuntos por gênero



Fonte: GEMAA

Como mostra o gráfico abaixo, os homens brancos são predominantes em todas as categorias de assuntos, seguidos pelas mulheres brancas, em segundo lugar em todas elas e com proporções muito acima de homens e mulheres negras. Em outras palavras, os pontos de vista brancos são fortemente predominantes em qualquer assunto noticiado.

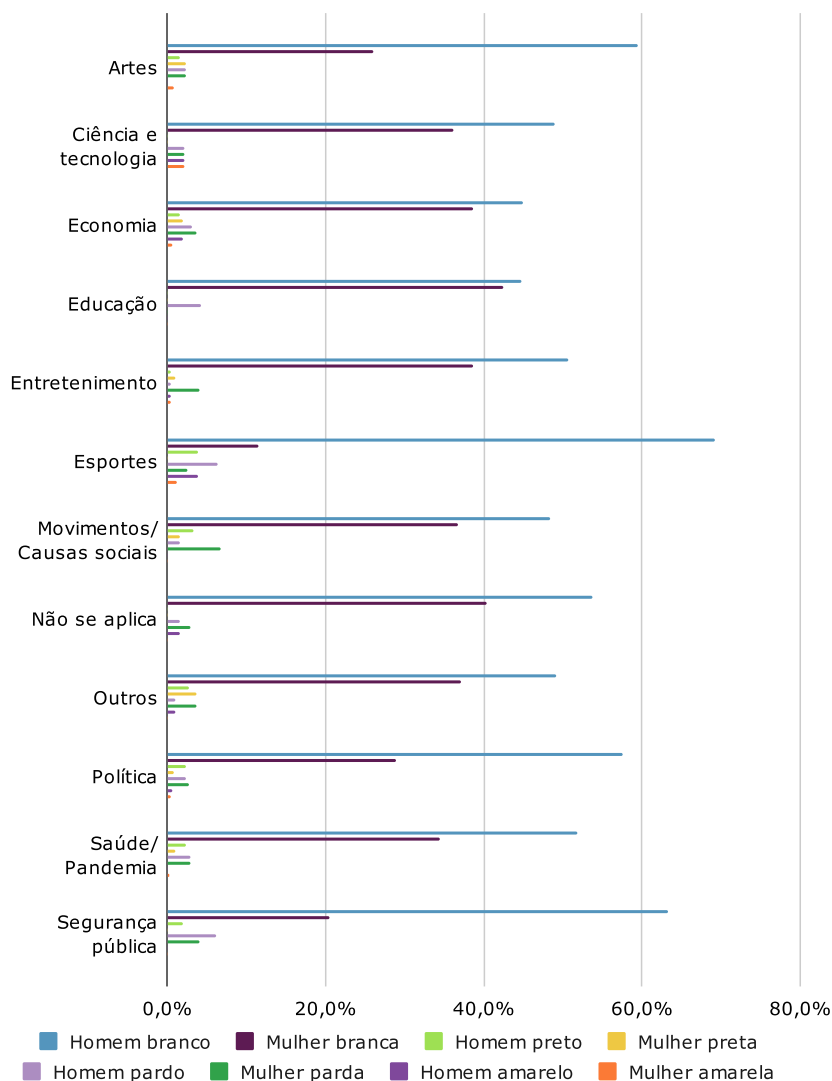
A distribuição de assuntos por raça e gênero também evidencia os efeitos interativos dessas categorias na geração de desvantagens: nenhuma autora negra assinou

publicações nos assuntos relacionados à educação. A proporção do grupo também segue diminuta para assuntos relacionados à ciência e tecnologia (2%), esportes (3%), política (4%) e saúde/pandemia (4%). Enquanto os homens brancos são responsáveis por 83%, 80%, 87% e 85% das autorias, nos respectivos temas. Se levarmos em conta o fato de as mulheres negras serem um grupo mais numeroso que os homens brancos em nossa sociedade, essa desproporção assume tons alarmantes.

A maior proporção de autorias de mulheres pretas e pardas está em assuntos relacionados a causas/movimentos sociais (8%). Se combinarmos esse dado à relativamente baixa frequência de publicações das pessoas desses grupos somos impelidos a supor que ainda que haja algum espaço para a voz de mulheres negras ligadas a movimentos sociais, ele é pálido se comparado ao espaço dado a outros grupos populacionais.

Gráfico 12

Distribuição dos assuntos por raça e gênero



Fonte: GEMAA

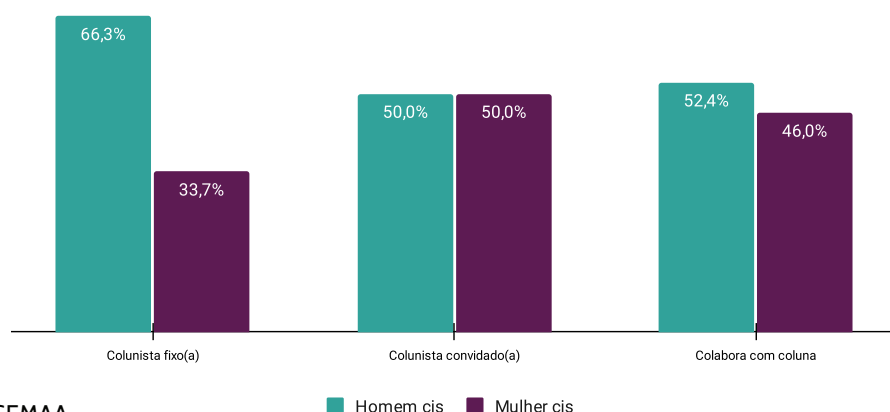
Espaços de opinião e editoria

O recorte de gênero dos quadros de pessoas que produzem a opinião dos maiores jornais do país é um dado importante para a avaliação da pluralidade real desses meios e do processo de formação da opinião pública. Em trabalhos anteriores do GEMAA, publicados em 2016 e 2020, notamos uma intensa desigualdade no que tange aos espaços de opinião (colunistas) em prol do gênero masculino. O presente relatório, produzido 6 anos após o primeiro estudo, indica que essa desigualdade de gênero diminuiu consideravelmente, mas ainda está presente. Em 2016, a diferença entre homens e mulheres era, em média, de 45 p.p., enquanto em 2022 ela caiu para 23 p.p., aproximadamente. Quando focamos a análise apenas no subconjunto dos colunistas fixos de todos os jornais, a distância média aumenta para 33 p.p., com destaque para o jornal O Globo, no qual essa diferença é da ordem 42 p.p..

A sub-representação de pessoas transgênero nos espaços de opinião é, por seu turno, absoluta: nenhum dos grandes jornais têm no seu quadro de colunistas pessoas transgênero, nem mesmo como colunista convidado. Mesmo que o movimento em prol dos direitos e da inclusão de pessoas transgênero tenha crescido nos últimos anos, os jornais ainda se mostram impermeáveis a suas pautas.

Gráfico 13

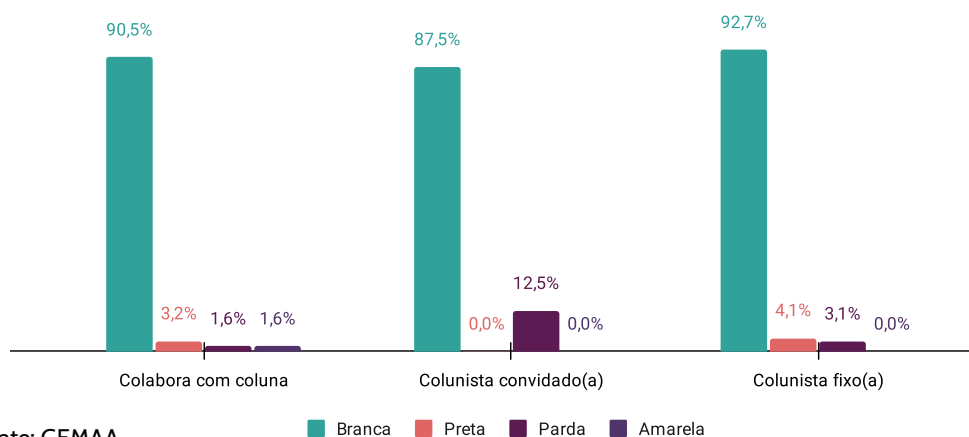
Distribuição de gênero entre colunistas



Fonte: GEMAA

Analisemos agora a presença de negros nos espaços de opinião dos grandes jornais. Uma leitura mesmo que ligeira do gráfico 14 mostra uma quase total supremacia branca na produção da opinião. Os números gerais estão muito longe de atender qualquer demanda por representatividade negra. Nem 10% do quadro agregado de colunistas fixos é composto por indivíduos não brancos, sendo que o Estadão tem a menor porcentagem entre eles. É como se os negros (pretos e pardos), que constituem mais da metade da população brasileira, não tivessem o que dizer acerca da política, das políticas e do debate acerca dos valores em nossa sociedade. Dos dados gerais, nota-se que 4,2% dos indivíduos não identificam a sua raça.

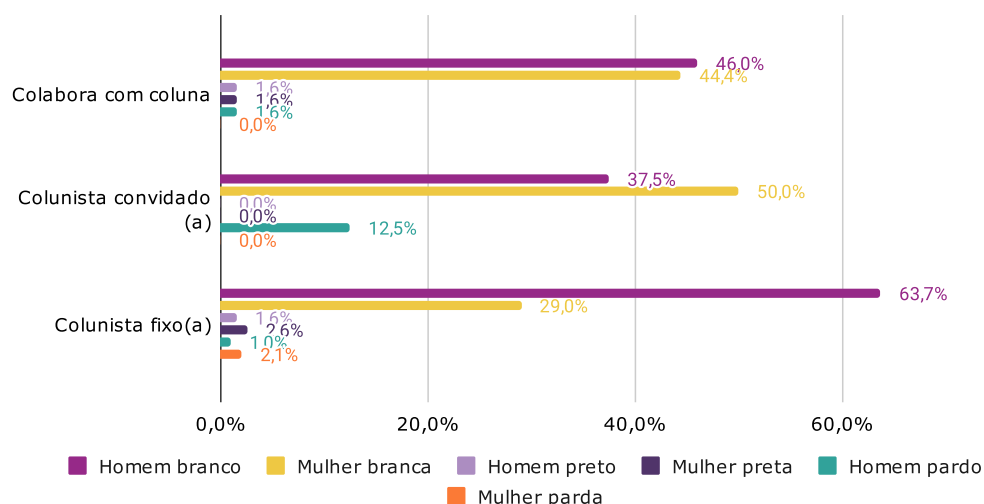
Gráfico 14
Distribuição de raça entre colunistas



Fonte: GEMAA.

Mas a supremacia branca na produção de texto de opinião é também atravessada por desigualdade de gênero, como mostra o gráfico 15. Os homens brancos prevalecem numericamente na categoria colunistas fixos, com uma proporção que é 2,2 vezes aquela das mulheres brancas, que, por seu turno, atingem uma proporção mais de 10 vezes maior que as categorias das pessoas negras, de qualquer gênero. Em suma, combinada a uma desigualdade de gênero, temos uma desigualdade racial de magnitude bem maior neste quesito.

Gráfico 15
Distribuição de raça e gênero entre colunistas

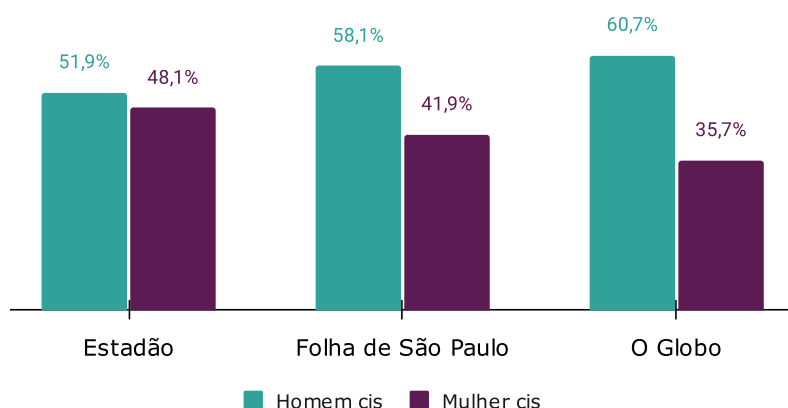


Fonte: GEMAA.

Se nos quadros de opinião, os 3 grandes jornais não registravam nenhuma pessoa transgênero, nos quadros editoriais a Folha de São Paulo registra uma. Dentre as equipes editoriais analisadas, O Globo apresentou maior desigualdade de gênero, seguido da Folha de São Paulo e Estadão, sempre a favor do gênero masculinos.

Gráfico 16

Distribuição de gênero na equipe editorial de cada jornal



Fonte: GEMAA.

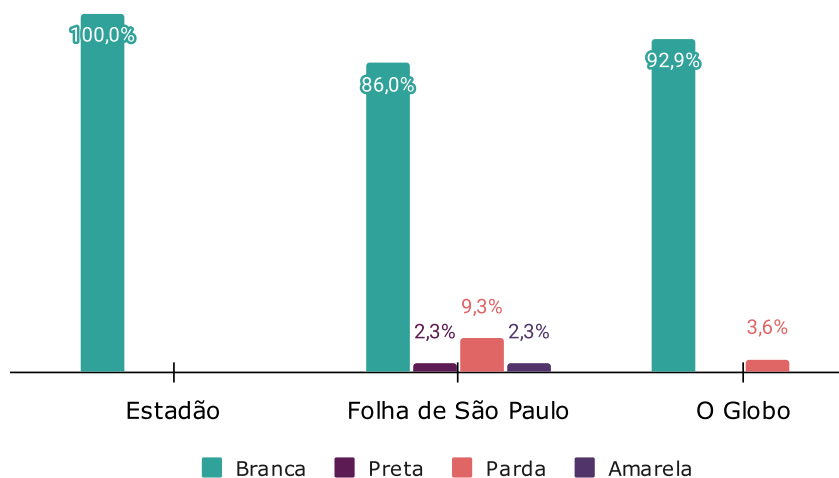
Os dados do gráfico 17 mostram que a desigualdade racial no setor editorial é ainda mais intensa que nos textos de opinião: o Estado tem 100% de brancos e O Globo chega bem perto, com a marca de 93%. A Folha não chega ser propriamente uma exceção, pois os brancos são ainda 86% de seu corpo editorial na amostra.

Todos os indivíduos de raça amarela e a única indígena contabilizada têm suas funções ligadas ao setor editorial dos jornais. Os indivíduos de raça amarela estão distribuídos nos 3 jornais analisados, tendo a sua maior concentração na Folha de São Paulo. A única indígena em todas as ocupações levantadas está no jornal O Globo.

Estado e O Globo simplesmente não têm pessoas pretas no corpo editorial. Ainda que a Folha de São Paulo tenha criado um projeto voltado à incorporação de pessoas pretas e pardas no seu corpo funcional, os resultados ainda não são evidentes.

Gráfico 17

Distribuição de raça na equipe editorial de cada jornal

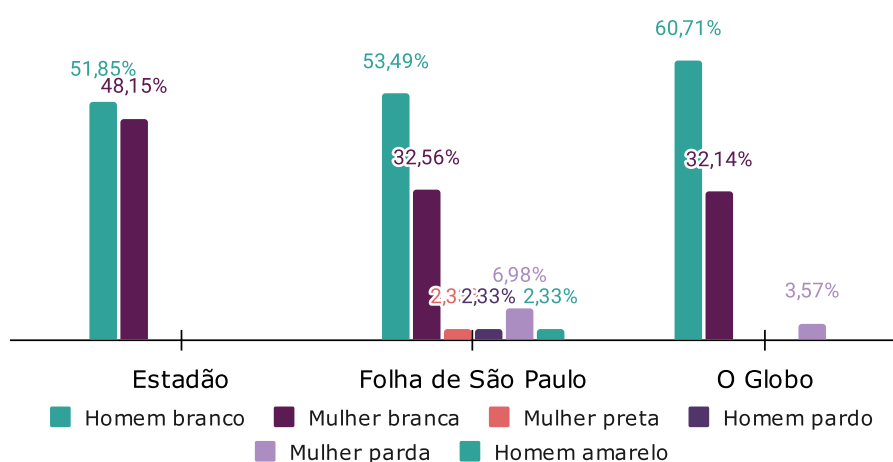


Fonte: GEMAA.

A distribuição de gênero somada ao recorte de raça, indica uma situação um pouco menos desfavorável às mulheres brancas em relação aos homens brancos do que aquela identificada na autoria dos textos de opinião: os homens brancos não chegam ao dobro da proporção de mulheres brancas, com exceção do Estadão, no qual as mulheres brancas quase empatam com os homens brancos entre na editoria. Quando olhamos para a variável raça, contudo, a intensidade da desigualdade é similar, pois com a exceção das mulheres pardas na Folha, que tem um índice ligeiramente maior, todas as outras categorias de pessoas não brancas têm representação mais de 10 vezes menores à das mulheres brancas.

Gráfico 18

Distribuição de raça e gênero na equipe editorial de cada jornal



Fonte: GEMAA.

Em suma, no espaço de maior poder dos jornais, na função que decide pautas e enquadramentos, distribui autorias, encomenda, edita e exclui textos, é que encontramos a desigualdade mais intensa, e ela é mais fortemente racial do que de gênero, ainda que seja impossível negar esse segundo componente. Tal sistema de desigualdades opera em favor dos brancos, dos homens brancos particularmente, franqueando a eles enorme poder de influência sobre o processo de formação da opinião pública, tão fundamental para o funcionamento do regime democrático.

4. Considerações finais

Analisamos neste estudo o perfil racial e de gênero das pessoas que escrevem e comandam os principais jornais do país, inclusive os temas abordados em seus textos, a frequência com que publicam, e as funções que como colaboradores da imprensa.

Como se trata de uma amostra dos jornais, descrita em detalhe na seção Metodologia do presente estudo, faz mais sentido comparar as proporções (porcentagens) dos resultados obtidos com as proporções dos diferentes grupos demográficos na população brasileira em geral.

Os resultados mais relevantes são:

- No cômputo geral da amostra, detectamos significativa sobrerrepresentação de homens, em uma proporção de mais de 3:2 em relação às mulheres na autoria de textos assinados. Essa proporção variou muito pouco de jornal a jornal.
- Quando adicionada a variável idade, notamos que as autoras mulheres se concentram em faixas etárias mais jovens, ao passo que os homens nas faixas a partir de 50 anos. Ademais, esse desequilíbrio é mais agudo nas faixas localizadas nos extremos da distribuição, os mais jovens e os mais velhos. Essa distribuição desigual pode estar ligada à desigualdade de gênero na distribuição de poder dentro das redações ou mesmo a uma tendência mais recente de maior igualdade de gênero.
- A desigualdade de raça é a mais profunda. A distribuição racial dos colaboradores dos 3 jornais analisados é similar: em todos os brancos são maioria entre os produtores de conteúdo, representando, na média, 84% do total.
- A formação predominante dos autores e autoras é o jornalismo, ainda que entre as mulheres atinja uma proporção de 75% ao passo que entre os homens é de 58%.
- Quando a frequência de colaboração é dividida em faixas, para avaliarmos a incidência de fatores raciais e de gênero na periodicidade, notamos que as mulheres brancas preponderam entre os colaboradores mais frequentes (acima de 16, de 11 a 15 e de 6 a 10 textos no período), enquanto pessoas pretas, sejam homens ou mulheres, encontram-se exclusivamente na faixa de mais baixa frequência (de 1 a 5 textos no período). Mais uma dimensão da desigualdade racial nessa atividade.
- Quando avaliada a distribuição de gênero pelas temáticas dos textos, notamos que a desigualdade da distribuição geral se reproduz de modo similar em cada uma, com exceção dos esportes, cujos textos têm 6 vezes mais autores homens que mulheres. A dominância masculina exacerbada aqui provavelmente se deve ao futebol, esporte que domina a cobertura e que ainda é muito masculino.
- Quando considerados somente os textos de opinião dos jornais, a supremacia branca é ainda maior, atingindo níveis em torno de 90%. É importante ressaltar que as colunas de opinião habitam a área nobre, páginas 2 e 3, do caderno mais nobre, o primeiro, dos jornais. Ou seja, são espaços privilegiados nas publicações.
- Nos textos de opinião, os homens brancos ampliam sua vantagem em relação às mulheres brancas para 2,2:1. Já as mulheres brancas registram uma frequência de publicações desses textos em torno de 10 vezes mais alta que as frequências dos grupos não brancos, a despeito de seu gênero.

- A desigualdade racial no setor editorial é ainda mais intensa que nos textos de opinião: o Estado tem 100% de brancos e O Globo chega bem perto, com a marca de 93%. A Folha não chega a ser propriamente uma exceção, pois os brancos são ainda 86% de seu corpo editorial na amostra.
- No que toca à distribuição de gênero entre os colaboradores do setor editorial, o Estado atinge praticamente uma paridade entre brancos, ao passo que os dois outros jornais mantêm uma proporção levemente inferior a 2:1 em favor dos homens.

Em suma, nosso estudo mostra que nas redações dos grandes jornais há notáveis desigualdades de gênero combinadas a agudas desigualdades raciais. Ele também mostra que tais desigualdades se intensificam à medida que selecionamos os espaços mais privilegiados das publicações, do conjunto total de textos assinados para os textos de opinião, e daí para os editoriais.

Ao longo dos anos, os estudos do GEMAA têm revelado a operação da desigualdade racial, muitas vezes combinada à desigualdade de gênero, em várias atividades e instituições da sociedade brasileira. O jornalismo, contudo, é um espaço especial, pois tem papel fundamental na reprodução simbólica da nossa sociedade e na informação política dos cidadãos, tão fundamental para o funcionamento do regime democrático. A aguda sub-representação de pretos e pardos nos quadros desses grandes jornais é evidência clara de um problema gravíssimo de ordem cultural, social e política que não dá sinais de ter sido mitigado pelas poucas iniciativas recentes de promoção da diversidade nas redações.

Referências

CANDIDO, Marcia Rangel; FERES JÚNIOR. **Infográfico: Jornalismo Brasileiro: Gênero e Cor/Raça dos Colunistas dos Principais Jornais do País**. 2016. Disponível em: gema.iesp.uerj.br/infografico/jornalismo-brasileiro-genero-cor-raca-dos-colunistas-dos-principais-jornais. Acesso em 10 de agosto de 2022.

CANDIDO, Marcia Rangel; VIEIRA, Lidiane. **Infográfico: Negros nos jornais Brasileiros. 2020**. Disponível em: gema.iesp.uerj.br/infografico/negros-nos-jornais-brasileiros. Acesso em 10 de agosto de 2022.

Como citar

Portela, Poema; Sá, Izabele; Feres Júnior, João; Lemos, Fernanda & Mina, João Pedro. *Raça, gênero e imprensa: quem escreve nos principais jornais do Brasil?* (GEMAA), IESP-UERJ, 2023, p. 1-21.